

24/05/2019 - 05:00

Laurie Anderson leva mundo sem fronteiras a Cannes

Por **Elaine Guerini**

Uma coleção de profissões dá uma ideia de como a mente de Laurie Anderson funciona, sempre misturando linguagens. São mais de cinco décadas de produção como artista plástica, cineasta, escritora, poeta, fotógrafa, desenhista, artista performática, cantora, compositora e instrumentista. E, quando possível, "tudo ao mesmo tempo". Aos olhos da americana de 71 anos, uma das pioneiras da música eletrônica e a primeira artista residente convidada pela Nasa, tudo é parte de um desejo só: "explorar novas maneiras de contar uma história".

"Passei a vida me perguntando o que mais podia fazer", diz a artista, no 72º Festival de Cannes, que termina amanhã. Enquanto promove a instalação de realidade virtual "Go Where You Look", atração da mostra Quinzena dos Realizadores, na Riviera Francesa, a cabeça da viúva de Lou Reed (1942-2013) já está na exposição que estará no Hirshhorn Museum de Washington, no ano que vem.

"Como 2020 é ano de eleição presidencial, vou aproveitar a minha presença na capital do poder para cutucar Trump", diz. Depois de brincar com os discursos de Ronald Reagan nos anos 80 e criticar a obsessão por segurança na era de George W. Bush na década de 2000, ela quer agora explorar o "desastre" do governo Trump.

"No início, quando Trump se candidatou, rimos, como se estivéssemos diante de um palhaço. Assim que tomou posse, a gargalhada histórica começou a dar lugar a um riso mais forçado. Até que a risada parou de vez. É o momento que vivemos agora. Nada disso tem mais graça", diz Laurie, uma das artistas por trás do protesto Art Action Day, realizado em 20 janeiro de 2018, primeiro aniversário do governo Trump. "O mais irritante é vê-lo reclamando, dizendo que precisamos estender o mandato por dois anos. Esses dois não valeriam, segundo ele, por nós e o Congresso termos ficado no seu caminho, atrapalhando o que chama de administração."



"Como sempre gostei de misturar, minha mente não faz distinção entre os meios que uso para criar uma narrativa", diz Laurie Anderson, que leva instalações ao Festival de Cannes

zHT016FbR30

Laurie Anderson Interview: A Virtual Reality of Stories



Parte da inspiração para a mostra em Washington veio da leitura do livro "How to Lose a Country" (Como Perder um País), da jornalista turca Ece Temelkuran, recomendação do músico Brian Eno, amigo de Laurie. "Ela descreve os estágios que um país atravessa ao passar da democracia a um Estado fascista", conta a artista, sem dar detalhes da exposição. Formada em história da arte e escultura, Laurie só adianta que a abordagem será experimental, com criações multimídias, incluindo artes visuais, pinturas, fotos, filmes, música etc.

"Como sempre gostei de misturar, minha mente não faz distinção entre os meios que uso para criar uma narrativa", diz a artista, seguidora do budismo. Lou Reed, com quem viveu de 1992 até a morte do cantor, em 2013, também era budista. "Ainda sinto a presença de Lou na minha vida", conta Laurie, também ocupada atualmente com a compilação do livro "The Art of the Straight Line" (A Arte da Linha Reta). Trata-se de uma série de ensaios sobre a arte marcial tai chi chuan, que Reed não conseguiu terminar.

"Como estudo a natureza da mente desde os anos 70, procuro seguir o que o meu professor ensina: sentir a tristeza sem me tornar uma pessoa triste. Sim, existe uma distinção", afirma Laurie. "Como o mundo está cheio de coisas tristes, só um idiota conseguiria fingir que não as vê. Mas, ao mesmo tempo, é preciso se esforçar para não se tornar a coisa que você detesta."

Isso impede que Laurie se exalte mesmo quando fala de Trump. "Ele ilustra o mundo absurdo em que vivemos", diz a artista, interessada em política desde os tempos de escola. "Aos 12 ou 13 anos, escrevi uma carta ao [então] futuro presidente John F. Kennedy [1917-1963], por admirar a maneira como ele, ainda senador, conduzia a sua campanha." Ela concorria à presidência do conselho estudantil e queria dicas do político. "Como todo adolescente, eu achava que o mundo girava em torno de mim."

Em pouco tempo, veio a resposta de Kennedy. Foi uma carta longa em que o político a aconselhava a descobrir o que os estudantes queriam e a ajudá-los a conseguir, caso fosse eleita. Laurie não só ganhou a eleição como escreveu de volta, comunicando a vitória. "Kennedy me mandou então uma dúzia de rosas vermelhas, o que me fez parar na capa do jornal local", recorda.

A troca de correspondência inspirou uma performance de Laurie, mesclando leitura, música eletrônica e violino. Intitulada "Letters to Jack", a apresentação realizada no Kennedy Center, em Washington, em 2016, integrou o projeto "The Language of the Future", em que a artista explorou fronteiras entre realidade e sonhos.

"O que mais me interessa é evocar algo no espírito e no coração das pessoas, contando uma história que poderia ser delas", diz Laurie, lembrando que o mesmo vale para a instalação montada em Cannes, na galeria Le Suquet des Art(iste)s. Concebida em colaboração com o artista Hsin-Chien Huang, de Taiwan, "Go Where You Look" é dividida em três partes: "Chalkroom", "Aloft" e "To the Moon". Nelas, o visitante é acomodado em cadeira giratória para possibilitar a visão de 360 graus assim que coloca o equipamento de realidade virtual. "O VR, por mais desconfortável que seja usar aquela espécie de capacete, é a única forma de arte na qual você pode voar, sensação que proporcionamos aqui."

"Chalkroom", que foi uma das atrações da Mostra de Cinema de São Paulo no ano passado, é uma viagem por "quarto de giz", como adianta o título em inglês. São diferentes quartos com paredes escritas em giz, por onde o visitante pode passear usando controles manuais que funcionam como joysticks.

Em "Aloft", o usuário se vê sentado em um avião, que começa a se dissolver, deixando-o pairando no espaço. Ao seu alcance, apenas alguns objetos que ele pode tentar segurar, enquanto ouve a voz calma de Laurie.

A atração mais concorrida, "To the Moon", foi criada para celebrar o 50º aniversário da primeira missão com pouso na Lua, em 1969. O visitante é colocado no lugar de um astronauta que vê a Terra de longe e pode explorar o terreno montanhoso da Lua, enquanto algumas constelações se formam na escuridão. A viagem só chega ao fim depois de um passeio surreal sobre um burro, sob uma chuva de meteoritos. "Tudo foi pensado para que as pessoas se sintam absolutamente livres. De preferência, superando limitações da própria mente", diz Laurie, piscando um olho.